



**VIDA
ARTISTICA**
**SEMANARIO
DE
ARTES E
LETRAS**

Proprietario—JAYME CORRÊA
Director—J. PEDROSO AMADO
Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 "	" \$600
12 "	" \$1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 "	" \$1800
12 "	" \$3600

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

—+—

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a RUA DO MUNDO, 81, 2.º

LISBOA

Composição e impressão
Offc. Illustração Portuguesa
Rua do Seculo, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



ADELINA ABRANCHES
(Eminente actriz)

OFFICINA DE
ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA

Adelina Abranches

Damos hoje logar na primeira pagina a esta eminente artista.

E' uma homenagem que julgamos dever prestar a quem, pelo seu comprovado talento e amor ao estudo, tem sabido erguer-se gloriosamente, eiguendo um templo ao culto da Arte, de que é sacerdotisa.

Quem escreve estas linhas tem tido o prazer de acompanhar Adelina Abranches desde a sua apparição no theatro, e por consiguiente tem seguido a par e passo os progressos por ella effectuados.

Desvanece-nos o facto, e, sem paixão, cumpre-nos afirmar, possuidos de uma verdade incontestavel e incontestada, que a eminente actriz tem sempre mantido inalteravel, sem fraquezas nem hesitações, os brilhantes creditos de que gosa.

N'uma época em que o elogio mutuo, o reclamo fabrica celebridades com a mesma facilidade e rapidez com que a electricidade percorre distancias, em que raros são os que devem a si, e só a si, ao seu esforço e á sua intelligencia a posição que occupam, dando-lhe uma fórma definida, distincta, honrando a profissão e o meio social, é motivo de intenso jubilo apontar Adelina Abranches á admiração de todos como uma das mais bellas e primicias figuras do theatro nacional e estrangeiro.

Tudo n'ella é arrojado, grandioso, fino e delicado, e em cada uma das suas concepções artisticas surge-nos uma maravilha digna de apothese, uma criação reveladora do seu grande poder artistico.

Da sua pequena estatura tira todo o partido possivel, o que com difficuldade outra qualquer faria, e vêmol-a vezes sem conto encher uma scena, um acto, uma peça inteira com a grandiosidade da interpretação dada á personagem que desempenha, surprehendendo, deliciando, arrebatando.

Malleavel e assimiladora como nenhuma outra, incarna-se em todos os generos com uma facilidade pasmosa, dando-nos essa vasta galeria de creações que todos lhe conhecemos, e que vão desde o *Gaiato de Lisboa* até á *Gavilaria Rusticana*, ora em scena no theatro ao ar livre no Jardim da Estrella, por a troupe de artistas do theatro da Republica, e de que ella é a alma, a vida, a luz e a força.

E' uma artista de raça.

Por isso nos orgulhamos de publicar o seu retrato, traduzindo estas mal alinhavadas linhas a nossa sincera admiração.

PST.

Corações de principes

Uma noticia da America, é sempre uma noticia que nós, meridionaes de sangue ardente e de phantasia descabellada, temos de pôr de remissa, tal o inverosimil que ultrapassa os limites menos humanos que se possam imaginar. O *yankee* não tem o devaneio nem o sonho que nós possuímos superabundantemente; mas, em compensação, é dotado de um humôr e de um imprevisto que fere e rasga a nossa epiderme como o roçar de uma bala ou o riscar aspero de um florete. É o que a imaginação possa suppôr de mais extraordinario e de mais phantastico e, para ella moeda corrente com que se paga todos os dias, a todas as horas e a todos os minutos, o luxo de uma idéa que sobresalte a Europa e a faça estremecer n'um movimento de cataclysmo.

E' o caso do duque dos Abruzzos com a multi-millionaria Miss Elkins, filha de um senador, e uma menina que, pelos retratos, parece ser dotada de uma belleza peregrina. O principe italiano *doublé* de sabio,

que tem viajado por todos os mundos e corrido todos os pólos da terra, viu um dia a bella americana e, como qualquer de nós, pobres mortaes, apaixonou-se. Mas um homem que tem nas veias o chamado sangue azul não tem a liberdade de coração que cabe no peito plebeu de um homem de sangue rubro. A razão de estado falla mais alto que a sem-razão da loucura amorosa; e quando ministros e diplomatas, reis e rainhas se mettem na dança, o caso é ainda muito mais complicado. Foi o que aconteceu ao desditoso Abruzzos. Elle amou, é certo, porque, para amar, não teve de pedir licença a ninguem. Mas para pôr em pratica o seu amor, isto é, para ir junto do pae Elkins e dizer-lhe: «Eu sou Fulano, maior, principe, vaccinado, amo a tua filha, e tua filha ama-me: Venho pedir-lh'a em casamento,» já não era elle só a fallar, era a Italia real, a casa de Saboya, a lingua, o mundo inteiro. E foi precisamente toda esta miscelanea que se lhe atravessou no caminho e o impediu de ser feliz, pelo menos como elle suppunha que o seria.

Quantas vezes, em quantos momentos da sua vida, este principe não terá desejado ser um pobre diabo desconhecido, ignorado de tudo e de todos, para correr a aventura do seu sonho sem ter de dar satisfações a ninguem e fazer da philosophia banal dos desherdados o seu cathecismo de amor!

Destinos! Certo é que o duque não casou com a Elkins. Estremeceram de pavor os thronos; houve conciliabulos secretos e realengos—e a filha do senador ficou a vêr navios.

Mas ha muito tempo que em Washington um americano muito novo, chamado Billie, amava em silencio a pequena dos milhoes. E não era por elles que a amava, mas sim porque no seu coração ella se enterrára tão fundo que o Billie nunca mais a pôde arranjar de lá. Não se conheciam. O fluido magnetico não tinha atravessado a atmospha de modo a approximal-os; e de que servia martyrisar-se mais se a bem amada iria parar ás mãos do Abruzzos e elle, Billie, ficaria a chuchar no dedo, se não preferisse antes chuchar n'outra coisa.

Subito, a grande *débâcle*, a noticia tremenda: «Já se não faz o casamento Abruzzos-Elkins». Billie tremeu de commoção e de alegria. Toda a nata amorosa que se lhe tinha accumulado na viscera sympathica e que ameaçava azedar e dar com elle em Pantana, liquifez-se. Foi como se se lhe abrisse o céu, teve outra vez esperanças; e como agua molle em pedra dura tanto dá até que fura, Billie rondou, fez olhos ternos e conseguiu interessar a Elkins na sua paixão dominadora.

Agora, diz-nos o telegrapho que vão casar. Appeteço ao Billie uma grande e boa lua de mel e, sobretudo, que nunca encontre no seu caminho,—o de Abruzzos.

JOSÉ SARMENTO.

Decepção

*Parece que abundante maná d'ouro
Se entrou sobre o mar do teu cabelo,
Por magia, tornando-o em novello
D'um ideal, maravilhoso loiro.*

*O teu rosto, de graças um thesoiro,
Possue a carminal-o, a embranquecel-o,
Tons setinados, do frescor mais bello,
Que das rosas e lírios são desejoiro.*

*Teus meigos olhos, de pupillas pretas,
Sempre fundis olheiras apressetam,
Do macerado roxo das violetas...*

*Porém, já descobri que a formosura
De tantos art ractivos, que nos tentam,
Não a deves a Deus mas á pintura.*

JAYME CUNHA



Canções dos soldados em França, segundo um trabalho de investigação de René Thorel



Ballay, o novo chefe da Guarda Republicana de Paris, organisou, durante as festas do dia 14, um curioso concerto composto das canções militares francezas, tentativa que obteve um exito extraordinario! A este proposito René Thorel escreveu um pequeno estudo de investigação historica sobre as canções dos soldados, trabalho bastante suggestivo e deveras instructivo, principalmente para aquelles que sentem um grande prazer n'estes estudos.

Na historia da «Canção do Soldado de França», devemos fazer a distincção entre a canção sem musica, tal como a *Canção de Roland*, que Taillefer declamava em Hastings, e a canção posta em musica. Também não deveremos classificar como canções militares, certas melodias que ouvimos nos salões, como *Os dois granadeiros*, de Schumann, *Os tres Hussards*, de Naudou, ou o *Velho Caforal*, de Beranger. O que nos interessa são as marchas authenticas dos regimentos e as canções compostas pelos soldados ou cantadas por elles.

Alguem quiz vêr no *Vinho dos Gaulez s.*, harmonizado por Liersot, uma dança cantada, rythmada pelo choque das armas. Mas estamos no dominio das hypothesees, sendo, sem duvida, de maior valor o *Velho canto de guerra celta*, recolhida por Ladmiraull. Tem-se pretendido dizer que o psalmo *Jerusalem Mirabilis* era o canto das Cruzadas; talvez. Em todo o caso, os dois cantos heroicos mais antigos que conhecemos de fonte segura, são as *Canções da Cruzada*, publicadas por Aubry e que datam do fim do seculo XI.

Temos o *Canto de uma noiva* (1189), o *Canto da partida de uma cruzada*, de Béthume, mas os verdadeiros cantos militares principiam na *Marcha dos sold dos de Robert Bruce* (seculo XIV).

Foi introduzido em França e cantado na guerra pelos soldados de Philippe le Long, Charles le Bel, Philippe VI, Charles VI e VII até á época de Luiz XI I. Foi ao som d'esta marcha que a heroína Joanna d'Arc entrou em Orleans (1429) e que o grande Condado bateu os hespanhoes em Rocrai (1643).

A delicada canção sobre a *Guerra da Bretonha*, merece uma menção especial, em virtude do encanto que ella contém.

Quem não conhece a *Batalha de Marignan*, de Clément Jannequin, e a de Jean Renaud? Quem é este Jean Renaud? Mystério! Apenas sabemos que é do seculo XVII.

Como canção militar, uma das mais conhecidas, é a de *Pierre Bagnolet*, que nos revela que durante a guerra de Hollanda, as tropas francezas cantavam-na cheias de entusiasmo.

Geralmente, as arias cantadas pelos soldados têm uma origem popular. Entretanto, nós conhecemos algumas marchas compostas, especialmente, para este ou aquelle regimento. (1)

A *Marcha franceza* f. i. escripta por Lulli, com destino ao regimento do conde de Serry. Igualente a *Marche des Mousquetaires*

du Roi, também de Lullii, ficou até á Revolução.

Apezar dos echos da Revolução o soldado francez canta sempre (2). Temos exemplos nos cantos: *Ça ira!* em Valmy, *Le Chant du Départ* e, enfim, a *Marselheza*.

Chegámos á época napoleônica; apezar do pouco gosto de Napoleão pela musica, os soldados cantavam sempre com ardor.

Na batalha de Marengo, durante o assalto, os soldados cantavam:

*J'aime l'Coignon
Frit à l'huile;
J'aime l'Coignon
Quand il est bon.*

Tem também o *Marche Consulaire à Marengo* e a *Ordonnance des Tambours et des Pifres de la Garde Impériale*, chamada mais tarde «bateria de Austerlitz».

Esta *Ordonnance* foi composta em 1803 p r David Buhl.

No cerco de Sebastopol os zuavos francezes cantavam a canção: «*Eh! pourqu' i n'en vivions-nous pas?*».

Composta por Emile Carré, também cantavam «*Pan, Pan, l'Arbils*».

Durante a guerra de 1870 cantou-se bastante.

Conta-nos Saint-Saens, o grande compositor francez, e que entrou no cerco de Paris, que em uma noite compôz varias canções, cantadas logo pelos soldados no meio da maior alegria.

E mesmo agora, nas estradas francezas, quando encontram algum regimento em marcha, é vulgarissimo os soldados irem a cantar.

ALFREDO PINTO.
(Sacavem).

(1) Alfred Brusseau, Vincent d'Indy e Saint-Saens, tem composto muito para os regimentos.
(2) Méhul compôz varias obras sobre versos de Chenier.

Beethoven

(Continuação do numero antecedente)

Teremos de notar que Beethoven não amou nunca uma mulher com um amor sufficientemente forte que fosse o motivo pleno e poderoso da sua existencia. Isto, que á primeira vista presuppõe uma deficiencia, é, talvez, a suprema razão do seu genio sombrio, sempre ansioso por exprimir o inexprimivel. Era um tímido, dirão alguns, disseram-no mesmo... Quem sabe? era, talvez, um discipulo de Bacon, não podendo fazer caber o seu amor — resentido de uma fórmula rara — entre aquelles amôres humanos que vão de Paulo e Virginia até Romeu e Julietta. Ou talvez mesmo que n'aquella mente sevêra passassem de quando em quando, ligeiros e facetos, certos pensamentos sobre o eterno feminino, do molde dos que são expostos nas comedias de Goldoni: *Que vale uma mulher ao pé de mim?* diz Samazzo na *Larip'uli*. Que valeria, realmente, uma mulher! — Fosse, porém, como fosse, ellas, na vida de Beethoven são *mêramente accidentaes*. A que elle, talvez, amou com um forte e grande amor, não a conhecemos nós; pôde até ser que só existisse na sua phantasia. Accidental na sua existencia foi Julietta Guicciardi, devaneio moço e fresco foi Theiza de Brunswick. Havia Bettina; mas Bettina era uma creança. Muito ao contrario de Goethe, apaixonado quatro vezes por anno,

conservando até á velhice amôres juvenis e ingenuos como os de Carlota—Beethoven não vae buscar a uma exaltação sentimental e — ai de nos! — passageira, o motivo mais puro da sua inspiração. Beethoven não compõe porque ame uma mulher e d'esse amor tire as mil pequeninas coisas que só elle nos dá; a sua obra tem uma razão de ser mais elevada: escreve-a movido pelo perpetuo aneio de comunicar com Deus.

Algumas balladas de Rubinstein recordam-nos certo enlear de mãos, um beijo, um passeio gentil, longe da multidão, sob copadas verduras; ás vezes, ao ouvirdes um minuetto de Haydn n'os, distinctamente vereis, anquinhas, sêda de raminhos, cabelleiras empoadas e n'aquelle grupo que lá do fundo se approxima ligeiro e galante, reconhecereis Luiz XV que beija a mão da Chateauroux. Marivaux, ao lado, diz coisas infinitamente graciosas e a Pompadour, tal como é pintada por Boucher, espera a vez...

Pôde mesmo succeder que um *lied* de Grieg vos transporte á Noruega fria, a uma paytagem de abetos polvilhados de neve, curvados sobre a linha caprichosa do *fjord*... pôde ser... Mas ao escutardes Beethoven, não ousareis olhar para dentro de vós, sentindo bem quanto vos leva longe aquella harmonia que se não exprime por palavras, que se não concretisa em quadrinhos mais ou menos artisticos. Eu nunca ouvi Beethoven que não tivesse o desejo inadiavel, imperioso de saber o que se passa para além da morte, entrevêr também um pouco aquella visão que elle *via*, a que elle fallava — e que triumphantemente revelava aos homens...

Por isso a sua musica é puritana além de toda a expressão. Na capella Sixtina, substituindo o *Miserere*, de Allegri, daria mais vida aos frescos terriveis de Miguel Angelo, n'uma catatumba romana explicaria melhor a piedade extranha e perseguida de um punhado de christãos, n'uma igreja lutherana, perdida entre gelos, faria realçar, mais simples e mais bella, a fronte de um pastor escandinavo. Por isso, também, Beethoven, superiormente nobre nos concertos Padeloup, é affrontosamente picaresco na sala de um aspirante de ministerio, n'um piano Gaveau, com duas meninas *habillées pareil* e um mancebo esgorouviado martellando o *Lebewohl* ou a *Sonata Pathetica* por entre um murmurio admirativo de phrases feitas...

D'este puritanismo, d'esta severidade, nasce a convicção absoluta, immutavel de que outra era a fonte da sua inspiração — que não uma mulher. Decerto Beethoven amou, mas amou de uma fórmula vulgar e simples, sem arroubos de paixão suprema, sem superiores scintillações de grande artista apaixonado. (Vêde como a Fornarina ficou e marcou na vida do italiano e apaixonado Raphael). Amou como todo o mancebo allemão grave e reflectido pôde amar na pensativa Allemanha. N'um paiz de lindas mulheres louras e molles, decerto, por mais de uma vez conservou entre os dedos os dedos tépidos de alguma *gretchen* silenciosa e longamente scismaria com a tristeza placida dos crepusculos de outomno. O *Lebewohl*, tão simples pagina, tão arrebatadora, mostra bem como mudamente se

passavam esses enleios castos — que todo o homem conserva entre risonho e enterrecido no fundo da sua memoria.

O *Lebewohl!* um moço triste que se despede da amada, da amada em partida, subindo para o carro que a leva longe... No frontal das mulas tintilham os guisos, desaparecem na volta da estrada, o som esmorece e o moço triste ainda fica mais triste e mais curvado a seguir a fita branca do caminho por onde ella fugiu e por onde não voltará jámais. E', fundamentalmente, o «nunca mais», o *never more*, de Poe, que reveste de languida melancholia estes quadrinhos de uma saudade docemente comovida... Não é preciso ser grande homem para ter sentido estas coisas que nos outros são extremes de ventura ou de dôr mas que nos genios provam de banaes por communs aos que o não são. Tanta é a nossa tendencia em exigir dos vastos espiritos vastas e novas maneiras de exprimir a eterna verdade! O *Lebewohl* é bem allemão, bem impessoal, ao mesmo tempo. Com todo a sua tristeza não prova que Beethoven tivesse amado profundamente — porque a amargura que exprime é a angustia de todos homens, irmãos compadecidos em face d'essa eterna tortura que se chama o amor.

(Continúa).

MARIO D'ALMEIDA.

Uma debutante

Na noite de sabbado 15, debutou no theatro da Trindade, na *Gente miuda*, peça ali em scena, Dinorah Martins Garifo, uma insinuante rapariguinha de 17 annos, e de quem a critica não se importou para a animar a proseguir, ou aconselhar a recolher-se á vida domestica.

Ora manda a verdade que se diga, que a debutante mereceu algumas palavras d'incentivo, pois as aptidões revelladas em tres papeis diferentes, são de molde a merecer-as e deixaram-nos a impressão de que com estado, boa vontade e um en-



Dinorah Garifo

saiador á altura, Dinorah tem condições para ser uma artista muito aproveitavel.

Estude, applique-se d'alma e coração, aceite só os conselhos de mestres, e os senões, especialmente de gesticulação, que lhe notámos, hão de desaparecer e tornar-a util.

Quem evidencia taes requisitos para a scena por occasião do seu debute, não tendo nunca quem a orientasse, nem se tendo feito exhibir, nem mesmo entre amadores, prova alguma coisa. Aproveite pois, as suas faculdades e estude. E' o nosso conselho.

A publicação do seu retrato obedece, apenas, ao intuito de completar a galeria d'artistas que desempenham a *Gente miuda*, e que tarde nos chegou ás mãos.

“Bandarilhas de fogo”

A este nosso estimavel collega, agradecemos penhorados a honra que nos deu, transcrevendo em o seu n.º 161, o artigo de José Sarmiento, *O espectáculo popular*.

Theatro da Natureza

Continuemos a chamar-lhe assim, uma vez que assim o baptisaram entre nós.

A proposito d'este genero, publicamos hoje algumas gravuras do theatro ao ar livre na America do Norte, California, onde se procura com afan dar ao genero toda a grandeza possivel, provando-se que os americanos teem mais acendrado o amor pela arte do que os povos latinos.

Effectivamente, basta olhar para as gravuras que reproduzimos para se ter a immediata impressao d'esta verdade.

O local, a peça, os vestuarios, tudo é cuidado e attendido com rigor e precisão, e, caso extraordinario, o povo interessa-se a valer, e os governos e as municipalidades não descaram a missão educativa que



A actriz Helen Cook e o actor Michal na peça «David», no theatro da Floresta em Carmel-by-the-Sea California—America do Norte

o theatro traduz, seja qual fôr o aspecto sob que elle pode ser tratado.

Oxalá que cá succedesse o mesmo e a maldita politica não fizesse abandonar idéas para seguir apenas os homens, creando assim scisões, malquerenças e odios, que só servem para desprestigiar e enraquecer.

Se bem nos recorda, quando pela primeira vez se exhibiu no Jardim da Estrella o grupo d'artistas promotor do theatro ao ar livre, notámos e fizemos sentir em cavaqueira a um dos directores, que o terreno sobre que assenta ali a plateia tinha um declive em sentido inverso ao que devia ser observado, o que dava logar a que os espectadores, áquem primeiras filas, não viam o que se passava em scena.

Accrescentámos, que o inconveniente seria facil e economicamente resolvido, fazendo o plano inclinado por meio de uma mistura de terra e areia, o que lhe daria um certo endurecimento e seria de facil remoção quando a série de espectaculos a dar findasse.

Pois, por motivos que desconhecemos, nem o nosso alvitre ou outro qualquer se pôz em pratica, o que dá em resultado o publico romper em protestos.

D'aqui, uma série de conflictos e tumultos, como no passado domingo, que devem prejudicar os interesses materiaes dos promotores e o lado moral da idéa.

Esperamos que alguma coisa se tenha feito para hoje sobre o assumpto.

O espectáculo hoje e amanhã consta da 1.^a representação da *Sulamite*, drama biblico do *Cantico dos Canticos*, sobre o rei Salomão, traduzido e encenado pelo dr. Coelho de Carvalho; 1.^a representação do original em um acto e dois quadros, em verso, da sr.^a D. Caçilda de Castro, *Merlin e Veviana*; e a lenda dramatica em um acto, em verso, original do dr. Pedroso Rodrigues, *Bodas de Lia*.

A distribuição da *Sulamite* é a seguinte: *Rei Salomão*, Raphael Marques; *Pastor*, Alexandre Azevedo; *Irmão de Sulamite*, Pina; *Outro irmão*, N. N.; *Chefe dos guardas de harem*, Pimentel; 1.^o guarda, Alfredo Ruas; *A Sulamite*, Aura Abranches; *Uma mulher do harem*, Paz Rodrigues; *Bailadeira*, N. N.

Soldados, portadores do andor de Salomão, escravos.



Representação da peça biblica «David» no theatro ao ar livre da Floresta, em Carmel-by-the-Sea—California—America do Norte

Distribuição de *Merlin e Veviana*: *Merlin, o Encantador*, Alexandre Azevedo; *Antor, velho bretão*, Alfredo Ruas; *Lancelot do Lago*, Pimentel; *Tristão, pastor*, Luz Velloso; *Veviana, a Dama do Lago*, Adelina Abranches; *A Fada da Noite*, Aura Abranches; *A Bruxa Insomnia*, Barbara.

As Horas, homens da floresta.

A acção passa-se na Bretanha, nos fins do reinado do rei Arthur. Primeira metade do seculo VI.

PST.



“VIDA ARTISTICA”

Vende-se no Porto nas tabacarias e kiosques.

O convento de Mafra

(Continuado do numero anterior)

A respeito dos sinos que o convento de Mafra tem, diz frei João de S. José do Prado:

«Tem cada torre em si um carrilhão de sinos (feitos em Liège), e são 51, a saber:

O sino grande, que dá as horas, pesa 800 arrobas e tem de diametro onze palmos e meio. Por baixo da bocca d'este sino, estão dois, um serve de dar as meias horas, e outro os quartos. Por baixo d'este em corpo separado, estão 48 sinos que tocam os minuetes antes de dar os quartos, meias horas e horas; tendo o principal sino d'este carrilhão, que está no ponto de G-sol-re-ut, de peso 666 arrobas e 15 arrateis, sendo os mais sinos proporcionados a este, fazendo diminuição, conforme a arte da musica.

Toca este carrilhão de dois modos, um por tambores movidos por pezo de rodas, fazendo minuetes e cantinellas conforme a solfa, fazendo trinados mui suaves e consonantes, para o que teem alguns sinos 4 martellos, outros 3 e outros 2 e tocam pela parte de fóra.

Toca por badallos pela parte de dentro, para o que teem todos os sinos badallos prezos com grossos arames, os quaes prendem em um enge-

nho em fóma de orgão, no qual toca o carrilhador toda a solfa e papeis que se lhe offerecem.

Estão dispostos por tal ordem que o toque de um não impede o de outro.

Teem mais as torres 8 sinos com que se toca aos officios divinos e todos por pontos de solfa; o primeiro pesa 541 arrobas e 9 arrateis. O segundo pesa 496 arrobas e 10 arrateis; o terceiro pesa 290 arrobas e 16 arrateis; o quarto pesa 231 arrobas e 28 arrateis; o quinto 119 arrobas e 8 arrateis; o setimo 76 arrobas e 12 arrateis; o oitavo 104 arrobas.

Este sino por ser de tom mui alto mas mui suave

se chama por autonomia o sino da Graça; este serve de tocar aos sermões e ás procições de preces por ser de tom mui mavioso e enternecido.

E' obra de um portuguez chamado Pedro Palavra.

O sino de tocar ao semiduples pesa 51 arrobas e um e meio arratel.

O sino que toca ás ferias pesa 43 arrobas e 3 arrateis.

O sino que toca a chamar a communidade ao côro pesa 4 arrobas.

Tem mais uma garrida (sino pequeno) que serve de fazer signal ás torres, e pesa uma arroba.

Estes sinos que tocam aos officios divinos, estão dispostos nas duas torres, e nã por todos 12, que juntos com os carrilhões, sommam todos 114.»

A'parte a patranha do voto para D. Marianna d'Austria ter filhos, o resto deve estar certo.

Salvo se a construcção de um convento tem a influencia na geraçao de filhos, o que pode muito bem ser!

Comtudo, o marquez de Pombal é que não entendeu assim, e por isso mandou que fosse applicado a uma especie de liceu, e que os frades arrabidos abandonassem o edificio.

D. Maria I, porém, como alma excessivamente fanatica, mandou restituir-lhes a moradia, que só passou para o Estado com a extincção das ordens religiosas.

A. COSTA.

Tiros certos Vergonhas

É urgente modificar as feiras e reparar as estradas

(Continuado do numero anterior).

—E' preciso notar que se lembramos e pedimos certos melhoramentos temos por unico fim concorrer não só para o embelezamento da cidade, como tambem para facilitar aos nossos hospedes forasteiros, o gosarem com relativa commodidade, todas as bellezas do nosso paiz, já que uma Sociedade de Propaganda, que para esse effeito se fundou, descurou por completo todas as suas attribuições. E a prova está no criminoso desleixo a que foram votadas as nossas estradas.

Valeu-nos o termos actualmente as estradas de Lisboa a Cintra e Cascaes rasoalmente arranjadas, o ultimo congresso que se realisou em Lisboa; de resto, das outras, para provarmos mais uma vez que vivemos de exterioridades, não se tratou, visto que os congressistas por ellas não tinham que passar. Esta incuria chega ao ponto de tornar absolutamente impossivel o viajar-se de automovel sem o perigo de graves desastres; além d'isto, um automovel, que custa muito dinheiro, tem sempre de soffrer reparações que tambem são caras, depois de uma viagem pequena que seja pelas nossas estradas. E isto dá-se mesmo aqui, perto de Lisboa; a estrada de Lisboa até Villa Franca de Xira está ha que tempos intransitavel, apesar de lhe não faltar o tradicional cascalho estendido aos lados, para nos consolar com a imaginação de uma breve reparação; mas, já o conhecemos no mesmo sitio ha muitos mezes e a respeito de concerto nada. Parece-nos que, em vista de um decreto ha pouco publicado sobre regulamento de automoveis, ficou com as attribuições de velar pela conservação das nossas estradas o Automovel Club de Portugal. Estamos, pois, convencidos de que em breve acabará este desleixo que constitue um crime, facilitando assim não só o desenvolvimento do automobilismo, como permitindo excursões, em que possamos mostrar com



Palco na alameda do Club Bohemio, no qual o actor David Bispham está cantando a sua parte.—California—America do Norte

commodidade, aos que o desconhecem, o que são os nossos campos e os nossos panoramas, com a sua belleza artistica da natureza.

J. P. A.



CYCLISMO, NATAÇÃO E REMO

A corrida cyclista de 50 kilometros—A travessia do Tejo a nado—Um passeio de remo—Um sarau sportivo

Quando o leve fresco do cair da tarde começava a tornar agradável a atmospheria pesada e quente do passado domingo 23, foi dado o signal de partida, pelas 3 e meia, para uma pleiade de cyclistas pedalar por 50 kilometros que representavam o percurso escolhido para a conquista da «Taça Progresso» que o Sport Grupo do mesmo nome tinha organizado. Pedalar sempre, com coragem e energia em procura da «meta», eis o pensamento que na mente de todos os concorrentes, teimava pressuroso em se alojar. E' a hora da partida. Tudo está a postos. Dado o respectivo signal avançam os 12 estradistas que compunham 4 «equipes» representa-

A ordem geral de chegada á «meta» que estava collocada no Campo Grande em frente do chafariz, foi a seguinte:

Manuel Laranjeira Guerra, L. G. C., em 1,53' 35"; Alberto de Albuquerque, S. L. B., em 2,10"; Raul José de Macedo, S. L. B., em 2,20"; Moysés Benchimol, G. L. B., em 2,4'13; Carlos Matta, G. S. G. C., em 2,18'30"; Joaquim Delgado, S. G. P., em 2,19; Antonio R. Branco Junior, G. S. G. C., em 2,19'13"; Joaquim Dias Mayer, S. G. P., em 2,26'29"; Alfredo dos Santos Junior, L. G. C., em 2,50'; Carlos Barral, L. G. C., em 2,50'2".

Desistiram os srs. Julio Clifton, G. S. G. C., e Joaquim Ferrugem, S. G. P.

A classificação por «equipes», foi a seguinte:

1.º Sport Lisboa e Bemfica, com 3 pontos, ganhando a «Taça Progresso», oferecida pelo sr. Luiz José dos Santos; 2.º Lusitano Grupo Cyclista, com 20 pontos; 3.º Grupo Sportivo Guilherme Cossoul, com 25 pontos; 4.º Sport Grupo Progresso, com 27 pontos.

A direcção e commissão de propaganda do Sport



O actor Bispham cantando, n'um concerto improvisado na alameda Vermelha California—America do Norte

Grupo Progresso merecem os nossos elogios, pela organização da prova.

* * *

A escola de natação Awata está prestando relevantissimos serviços ao sport da natação, e honra seja ao seu fundador, que assim applica os seus vastos conhecimentos sportivos, que são de um incontestavel valor.

A's 11,40 do passado domingo, 23, partiram da praia de Pedrouços em direcção á da Trafaria, um grupo de dez nadadores, alumnos d'aquella escola, para demonstrarem quanto proficuo tem sido o ensino ali ministrado. Acompanhavam os nadadores l'arcos do Club Naval, tendo logo aos primeiros 200 metros começado a nadar á cabeça os srs. Jorge Ferro e Frisbec, nadando ambos o «over arw». Pouco depois de feita meia corrida, Ferro desistia, continuando Frisbec que, seguido pelo 'arco que conduzia o seu professor, fez um bello percurso de resistencia, em 1 hora e 50 minutos. Só os srs. J. Sasseti e José Tavares conseguiram fazer o percurso completo, gastando quasi duas horas e 15 minutos, desistindo o resto em diversas alturas.

A prova foi em geral muito boa, especialmente se attendermos a que os concorrentes eram alumnos com muito pouco tempo de ensino e demonstraram evidentemente que muito tem aproveitado. honrando assim o seu distincto professor.

tivas do Sport Lisboa e Bemfica, Lusitano Grupo Cyclista, Grupo Sportivo Guilherme Cossoul e Sport Grupo Progresso, assim distribuidos:

Alberto de Albuquerque Andrade, Moysés Benchimol e Raul José de Macedo, pelo Sport Lisboa e Bemfica; Manuel Laranjeira Guerra, Carlos Barros e Alfredo dos Santos Junior, pelo Lusitano Grupo Cyclista; Carlos Motta, Antonio Rodrigues Branco Junior e Julio Clifton, pelo Grupo Sportivo Guilherme Cossoul; Joaquim Delgado, Joaquim Dias Maia e Joaquim Ferrugem, pelo Sport Grupo Progresso.

Foi Laranjeira Guerra que obteve o primeiro logar na classificação. Cyclista de merecimento, tem um passo muito duro e uma bella resistencia; bem o provou na corrida de 100 kilometros Caldas-Lisboa, onde obteve o primeiro premio; seguiu-se-lhe Alberto de Albuquerque, um adversario para temer, qual se não fosse um pequeno desastre impediria que a victoria de Guerra se realisasse por tão grande avanço e mesmo até estaria periclitante.

Os srs. Pedro José de Moura e Vieira Pitta, dedicados socios do Club Naval, estão organisando uma serie de passeios de remos particulares, tendo dedicado o primeiro, que se effectuou no passado domingo, 23, á Associação de Jornalistas Sportivos e decorreu o mais animado possível.

Às 10,30 da manhã largaram do caes do Club os «inriggers» «Celeste», «Chaimite» e «Ophelia» e alguns barcos de vella, tomando logar a bordo dos diversos barcos os representantes da imprensa sportiva, dirigindo-se a flotilha para Pedrouços, d'onde assistiram á partida dos nadadores da escola Awata, acompanhando-o até á Trafaria onde logo que chegaram os nadadores se realizou uma caldeirada feita expressamente para esse fim.

Em breve se devem realizar novos passeios de remos, que muito devem augmentar o gosto por este ramo de sport.

O Sport Grupo Progresso effectuou no salão-theatro do centro Republicano Radical, á rua da Gloria, um esplendido sarau sportivo, cujo programma foi correctamente desempenhado.

Principiou por uma brilhante conferencia do nosso collega sr. dr. José Pontes, versando sob o sport em geral e tendo sido delirantemente applaudido ao terminar.

O combate de socco foi arbitrado pelo professor da Escola Academica mr. Larroux, dando a victoria por ponto: ao sr. A. Larcher, e o de «ju-jutsu» pelo sr. Yamaguchi.

No numero de athletica foram elevados e batidos alguns «records», tendo assistido o arbitro da Liga Sportiva dos Trabalhos Athleticos.

O sr. Alves Martins, da cathogoria de «levissimos» elevou a 80 kilos o «record» da sua cathogoria, do «developpé» a dois braços, que lhe pertencia com 79 kilos; e estabeleceu para a sua cathogoria os seguintes «records»: «jeté» esquerdo, com 55,5 kilos; «devissé» direito, com 60; com 54. O sr. Borges de Castro (da cathogoria de «médios» estabeleceu o «record» com alteres separados, elevando 67 kilos e bateu o «record» do «jeté» direito, que estava em 60 kilos e pertencia a Miguel Bacellar, elevando-o a 70,5.

Todos os amadores foram muito ovacionados.

ROMOLO.

Antonio Pinheiro

Este distincto artista dramatico e nosso dilecto amigo, que as suas bellas qualidades de ator e encenador allia as de escriptor, tem em preparação um novo livro sobre assumptos theatraes, de actualidades, sob o titulo *Ossos do officio*...

Attenta a vastidão de conhecimentos do illustrado e ferrenho propagandista do levantamento da arte do theatro e do nivel moral da classe dramatica, o seu novo livro dev conter materia tão cuidada e flagrante como o *Theatro Portuguez*, trabalho ha tempo publicado, o qual, além de cauterisar serena e criteriosa mente as chagas do meio artistico, provocou o extravasamento da billa da critica imparcial, como quasi toda, e sempre, a da nossa terra, que não consente beliscaduras quando pontifica. Effeitos da infalibilidade...

Nós aguardamos ansiosamente os *Ossos do officio*... e quasi contamos poder publicar em o nosso proximo numero um trecho, uma phalanx eta.

Vamos tental-o.

LUCTUOSA

Francisco Teixeira

À hora do nosso jornal entrar na machina chegamos a dolorosa noticia da morte de Francisco Teixeira, director artistico do nosso brilhante collega *Illustração Portugueza*.

O inditoso artista falleceu precisamente no dia em que completava 46 annos de idade, victima de gangrena pulmonar.

O seu de apparecimento, enluctando a *Illustração Portugueza*, enlucta-nos por igual a nós, pelo que lhe endereçamos os nossos sentidos pesames, bem como á familia do extincto.



CAMPO PEQUENO

Por motivo da *Vida Artistica* se publicar apenas aos sabbados, não podemos fazer no dia proprio a critica da corrida realisada no Campo Pequeno, na quinta-feira, 20 do corrente, em beneficio do arrojado cavalleiro José Bento de Araujo, o que hoje cumprimos.

O vasto circo, brilhantemente illuminado, estava quasi cheio, principalmente nos sectores 4 e 6.

A corrida decorreu muito monotona, para o que contribuiu o curro, manso e mal intencionado, excepto o 3.º touro que sahio puro e nobre, conservando-se assim até ao final de ser lidado, e o 8.º que foi regular. Os restantes eram mais proprios para a charrua do que para uma arena.

Os cavalleiros, que eram o beneficiado é José Casimiro, pouco ou nada puderam fazer, visto a má qualidade das rezes, no entanto, José Casimiro, no 1.º touro cravou varios ferros á *meia volta* e á *garupa*; no 6.º, em que trabalhou a *duo* com José Bento, procurou com arrojio e decisão o seu antagonista, mas nada poudé fazer digno de destaque.

José Bento, que pecca por não ter cavallos de combate, pois os que apresentou pareciam mais acostumados a puxar trens do que tourear, nada fez digno de registro, nos dois touros que lhe couberam, conseguindo apenas cravar um ferro regular á *meia volta* no seu primeiro touro, 4.º da corrida.

Dos nossos bandarilheiros, temos uma *gaiola* regular e um *sego* tambem regular de Cadete no 2.º touro; um par bom de Thomaz da Rocha tambem n'este bicho, bem como uma boa *gaiola* no 10.º, do mesmo artista.

Dos espadas, *Galito* e *Cocherito de Bilbao*, sahentou-se o primeiro pela arte como lidou, demonstrando que é um grande artista.

Foi este distincto espada quem animou, elevando ao rubro o enthusiasmo dos espectadores, a mon-

tonia da corrida, sendo alvo de merecidissimas ovacões.

Coube-lhe o 3.º cornupeto, que como disse, era puro e nobre, cravando-lhe 4 pares a *cambio*, de primeira ordem, principalmente o ultimo, que resultou superiorissimo, e um par de *frente*, magnifico. Com a muleta teve uma *faena* muito cingida e adornada iniciando-a com passe de *silla*, seguindo-se uma serie de *passes* com muita elegancia e arrojio.

No 8.º touro, animal de sangue inferior, aproveitou o seu primeiro *tercio* marcando dois *cambios*, sendo um de *silla*, muito bons; com a muleta teve um *trasteo* muito elegante e artistico.

Cocherito de Bilbao, que é tambem nm grande artista, esteve infeliz, para o que concorreu os pessimos animalejos que lhe largaram, tanto assim, que no primeiro, 5.º da corrida, nada tentou fazer, pelo que foi lidado pelos seus bandarilheiros tendo um d'elle um par bom, e ao rematar um outro foi colhido, sem consequencias, por o touro cortar-lhe terreno. No nono da corrida, *Cocherito* devia ter feito o mesmo que fez com o primeiro para se não expor a fazer má figura, como lhe succedeu, visto as detestaveis qualidades da rez.

Com a muleta tambem não teve occasião de brilhar tendo uma *faena* difficilima e desluzida.

Pegas houve duas regulares, feitas no 2.º e 4.º touros, respectivamente pelos forçados José Russo e Antonio da Taberna.

Direcção regular; brega boa.

MARIO NOGUEIRA

Correspondentes

Precisam-se e aceitam-se para esta revista nas diferentes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO DA TRINDADE — 9 h. — *Gente Miúda*.

JARDIM DA ESTRELLA — 9 h. — Theatro ao ar livre.

THEATRO ÉTOILE (c. da Estrella) — 8, 9 114 e 10 112.

SALÃO DO LORETO — Rua do Loreto.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palacio Foz) — Avenida da Liberdade.

OLIMPIA — Salão de concerto, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

SALÃO RECREIO DO POVO — Largo Silva e Albuquerque.

SALÃO FOZ — Calçada da Gloria, 3.

THEATRO ESTEPHANIA TERRASSE — Arco do Cego.

GRANDE SALÃO DOS ANJOS — Travessa do Borrhalho.

SALÃO D'ARRABIDA — Rua d'Arrabida, 110.

ANIMATOGRAPHO DO BEATO — Companhia infantil.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de aves e animaes ferozes.

Carnes conservadas pelo frio

Pelo systema adoptado em Inglaterra

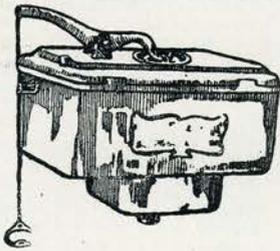
À VENDA

no Mercado 24 de Julho, logar n.º 1 — no Largo de S. Domingos
no Largo de Alcantara — no Largo de Santa Barbara

Aos domicilios — Pedidos telephone n.º 1295

GRANDES ARMAZENS FRIGORIFICOS

HENRIQUE PATRONE R. de S. Paulo, 109
LISBOA



Autoclismos

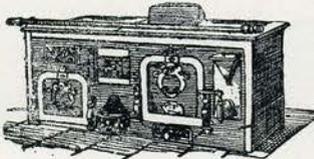
INGLEZES
 O melhor systema
 Louças sanitarias
 ESQUENTADORES

Montagem de luz electrica
 Serralheria civil

Fogões de cozinha e sala

TORNEIRO DE METAES

Variado sortimento de can-
 dieiros, bicos, chaminés e
 mangas para incandescencia
 a gaz, petroleo e gazolina.



CANALISAÇÕES PARA AGUA, GAZ E ACETYLENE

Automoveis
 recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
 " 737 — " — João Carujo
 " 987 — " — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa
 Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

"MERCEDES"

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESORIOS

Reparações em todas as marcas
 de machinas

Copias à machina — Tradução:
 Ensaio de Dactylographia

VENĐAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3086 — Agencia no Porto

**OFFICINA DE FUNDIÇÃO
 DE METAES**

TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e variées para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos
 para Gaz e Agua
 Instalações electricas
 Douvar
 pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES
 R. SARIVA DE CARVALHO, 89 A 93

**Empreza Nacional
 de Navegação**



Sae no dia 1 de agosto o

Paquete AFRICA

para Lourenço Marques. Toca nos seguintes portos:

MADEIRA, CABO VERDE E LOANDA

Para carga, passageiros e outros esclarecimentos, trate-se—NO PORTO: com os agentes H. Burmester & C., rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escriptorios da Empreza, 85, rua do Commercio.

F. Street & C.º L.º

ENGENHEIROS

Machinas Rua Poço dos Negros

Telephone: N.º 664

LISBOA

Caldas da Rainha

Grande Hotel Lisbonense

Pelo seu colossal tamanho tem sempre quartos vagos.

Preços desde 1\$200 à 2\$500 réis

Figueira da Foz

Grande Hotel Lisbonense

O mais importante e bem situado, serviço de meza e cozinha de primeira ordem.

Preços desde 1\$200 à 2\$000 réis

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, pára-raios, etc.

REPARAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
 ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-113
 LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.
 Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCAVERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Maulino Ferreira

Succursal das

Officinas

de encadernação

movidias a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licore.

Vestidos de senhoras e crianças

LAVA, LIMPA E TINGE

A

TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annuciada, 10

Rua de S. Bento, 175-A
 LISBOA Telephone 562

PEREIRA

FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADOS EM TODO O GENERO

Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobilias, espelhos e dourados em ca-a., etc.

273, RUA DA ROSA, 275
Proximo à rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES

Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, bronzes e tudo antigo que revele arte e belleza.

Rua da Escola Polytechnica, 97
(D frente das escadas da Es ola)

M. CARVALHO

MAFRA

HOTEL MOREIRA

No largo, em frente do convento

Bellas accomodações desde 15000 réis por dia até 15500 réis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.

Proprietario — JUAQUIM PEDRO MO: EIRA

ABRANTES

Hotel Central

Proprietario—MANUEL MONTES CAR: EIRO

Situado no centro do commercio. Iluminado a acetilene. Campainhas electricas em todos os quartos.

Magnificas condições d'asselo, conforto e bom tratamento

PRODUCTOS ALIMENTARES

para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantazia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramello, etc.

M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

Braga BOM JESUS

GRANDE HOTEL

Campo de Sant'Anna, 27 a 37

Proprietarios: GOMES & MAGTOS, Successores de Manuel Joaquim Gomes

Hotel de primeira ordem. Servico esmerado. Quarto: espacoso e bem mobilados, de o i e se gozam espl endidos panoramas. Banhos completos. Luz electrica. Salões de baile e de visitas. Pianos e organo. Telephone e caixa do correio.

Preços, comprehendendo quarto, comida, vinho, servico e luz, desde 18500 até 28200 réis por dia

Grande Hotel do Elevador e Grande Hotel do Lago

EVORA

Hotel Eborense

O me hor da provincia do Alentejo. Est bello edificio de banhos. Sala de visitas. Bons aposentos para familias.

Proprietario, JOSÉ AUGUSTO ANNES

AO CHAPEU MODERNO

Silva & Ruas
LISBOA

Sortido completo em chapéus e bonets nacionaes e estrangeiros, para homens e creanças, por preços ao abrigo de toda a concorrência

Sempre as ultimas creações da moda

69, R. da Victoria, 71

A NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL
500:000\$000
RÉIS



Fundada em 17-4-906

RESERVAS
135:753\$650
RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e maritimos

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã às 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.

Director—FERNANDO BREDERODE Sub-Director—JOSÉ A. QUINTELLA

VIDAGO

Hotel Avenida

Edificio construido expressamente junto à Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.

Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.

Preços de 1200 a 1500 réis
Almoços 500 e jantares 700 réis

Correspondencia ao concessionario

Domingues Pires

GEREZ

Grande Hotel Universal

Propriedade da Companhia Carris

Este hotel que passou por amplas reformas é o melhor da estância. Possui um magnifico square e é o unico iluminado a electricidade e mezas para familia.

Servico de primeira ordem—Preços moderados

Trens da Companhia com mudas em Gouro

O Conselho de Administração:— Alfredo da Fonseca Meneses, Antonio Reis Porto, Antonio d'Araujo Costa.—Gerente do Hotel:—Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

LIVRARIA DO CLERO

UNICA LIVRARIA RELIGIOSA DE LISBOA

Fundada em 1907 por Lima & C.ª antigo empregado da Livreria Catholica que acabou em 1910

9 Rua do Mundo, á Praça de Camões e frente á Igreja do Loreto

Casa de confiança das Familias Catholicas

Typographia, Encadernação e Papelaria

Catecismo da 1.ª Communhão 20 réis

A Chave do Céu desde 1\$000 réis

Almanach da Immaculada Conceição de Lourdes—Preço 100 réis

Livros em portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e latim. De instrução Religiosa, Doutrina Catholica, sobre a Sagrada Eucharistia e Primeira Communhão, de Piedade, Espirituaes e Asceticos — Biographias, Vidas de Santos. Educação, Instrução, Sciencias, Historia e Litteratura — Theologia — Liturgia — Philosphia — Moral Religiosa — Historia Ecclesiastica — Sermões — Livros de Missa simples e de luxo, todos approvados pela autoridade ecclesiastica.

Artigos do culto — Paramentos e Alfaias — Castiças e Tocheiros — Cruzes e cirias — Lampadas e Lamparinas — Lustres — Serpentinaes — Custodias — Calices — Galhetas — Sacras — yxides — Ambulas — Caldeirinhas — Lavandas — Lanternas — Caixas e ferros d'Hostias — Campainhas e Carrilhões — Purificadores — Estantes — placas para velas — Corôas — Jarras.

Imagens e Crucifixos de todas as dimensões — Optimas esculturas. Pinturas simples e de luxo approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias de Roma.

Artigos de Piedade — Imagens luminosas veem-se ás escuras como de dia) — Souvenirs de Lourdes — Terços — Corôas — Rosarios — Estampas para Cathedra, para livro e para quadro — Gravuras — Photographias — Oleographia e Chromos em cartão, opaline, gelatina, pergaminho, setim e bordadas em seda — Medalhas e Crucifixos, em latão, aluminio, nickel, ouro ou prata Beniftes de biscuit e nickel — Escapularios — Argolas de guardanapo com imagens — Bilhetes postaes com Santos — Quadros — Vias Sacras — Presepios — Alburns com a Via sacra em photographia, com a Vida de Jesus, em gravura e muitos ouros — Placas com imagens, bentinhos, folhas de santos em preto e a cor — Registos de luto e o mais completo sortimento em artigos religiosos de alta novidade. Objectos para brinde. Objectos de 1.ª Communhão.

Flores artificiaes. — Palmitos, grinaldas, corôas, ramos e palmas. Crucifixos para reliquias. Terços Cruseos, contas miudas com espaços. Crucifixos do Perdão. — Indulgenciados por S. S. Pio x para as pessoas que propaguem esta devoção — Corôa para Via Sacra para se fazer em casa ganhando-se as mesma indulgencias que na Igreja — Crucifixo da Paixão. Crucifixos da Santa Face.

Preços muito resumidos

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS

CURAM AS BRONCHITES

O Grande Hotel da Torre

é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das

Aguas d'Entre-os-Rios

SERVIÇO MAGNIFICO

Quartos desde 18200 a 28000 réis

Pedidos de quartos a

Avelino & Camanho

TORRE-ENTRE-OS-RIOS

J. I. RIBEIRO DOS SANTOS

Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893

PREVILEGIO EXCLUSIVO

da Pomada Dumont para cura do rheumatismo

GESSOS E BETUMES

Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.

Qualidades garantidas—Preços sem competencia

Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo

Unico deposito geral em Portugal

da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Persia — Vigor Tonic do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.

22, Rua do Amparo, 22

16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16

LISBOA